Revista de Estudos da Religião junho / 2008 / pp. 151-157
ISSN 1677-1222

BIZERRIL, José
O retorno à raiz: uma linhagem taoísta no Brasil, São Paulo: Attar, 2007, 303 p., ISBN 9788585115272

por Maria Regina Cariello Moraes [reginacariello@uol.com.br]

Assunto ainda pouco investigado nas ciências sociais e das religiões, no plano nacional, o taoísmo é uma religiosidade de origem chinesa (séc. V a.C.) que pressupõe o universo – ou o *Tao* – como totalidade indivisa e dinâmica, composta por todos os seres e todas as coisas (visíveis e invisíveis) e mobilizada pela alternância entre polaridades opostas *yin-yang*. Embora muitos termos e noções taoístas, tais como os já citados *yin-yang* e o equilíbrio de *Ch'i*, traduzido e reinterpretado como *"energia"*, venham se popularizando nos meios urbanos ocidentais nas três últimas décadas, sobretudo através da associação entre espiritualidade e saúde, tanto o taoísmo quanto o fenômeno de sua expansão para novos contextos não têm despertado a atenção dos estudiosos de religião.

Nesse sentido, o recém-lançado livro de José Bizerril Neto chega para preencher o vazio de publicações acadêmicas sobre o tema, colaborando para a melhor compreensão das tradições chinesas e sua transplantação para sociedades ocidentais contemporâneas, bem como contribuindo para o estabelecimento de um possível diálogo intercultural entre Oriente e Ocidente. O livro é resultado de doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB), sob orientação do Prof. Dr. José Jorge Carvalho, e faz parte da coleção Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, que visa à divulgação de obras etnográficas que discutam o problema religioso atual de modo interdisciplinar e que proponham novas abordagens metodológicas.

Trata-se de excelente etnografia sobre a corrente taoísta desenvolvida por Liu Pai Lin, renomado instrutor chinês de *Tai Ch'i Chuan*, falecido em 2000, que imigrou para o Brasil na década de setenta e criou uma linhagem própria que até hoje possui inúmeros seguidores. Vale lembrar que duas outras correntes taoístas aqui chegaram: aquela da Sociedade Taoísta do Brasil, fundada no Rio de Janeiro, na década de noventa, pelo também imigrante chinês Wu Chih Cherng, que segue a linha da Ordem Ortodoxa Unitária; e outra, mais

próxima da religiosidade popular chinesa, um taoísmo religioso institucional freqüentado apenas por imigrantes chineses e descendentes instalados na capital paulista.

Liu Pai Lin é realmente uma personalidade que faz parte da memória brasileira. Um pioneiro na divulgação do *Tai Ch'i Chuan* e da cultura chinesa no Brasil, reconhecido no ramo pela honestidade e comprometimento com a manutenção das tradições. A trajetória do mestre chinês e de seus discípulos é apresentada de forma detalhada, através de ricos depoimentos e observações de aulas práticas e teóricas registradas pelo autor, que optou por uma abordagem fenomenológica, tendo ele próprio aderido aos ensinamentos de Liu Pai Lin, enquanto o mestre ainda estava vivo. Além do taoísmo, dois outros assuntos pouco discutidos pela antropologia são abordados no livro: a corporeidade, em especial a do antropólogo, e a posição ambígua do pesquisador que opta pela investigação de grupos com os quais compartilha crenças.

Polêmico, o livro toca em temas que poderiam ser considerados *"tabus antropológicos"*, sobretudo ao questionar o distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa. Ainda na introdução, Bizerril declara sua insatisfação com o privilégio da tradição intelectual ocidental sobre as outras e apresenta uma proposta de revisão metodológica que percorre toda a obra. Afirma que a melhor forma de fazer antropologia seria a fenomenológica – *a antropologia da experiência* - em que o antropólogo vivencia todas as dimensões da pesquisa de campo, envolvendo-se integralmente com o objeto. Somente a eliminação da separação entre sujeito e objeto evitaria uma postura etnocêntrica, na opinião de Bizerril, uma vez que a distinção dualista é uma definição cartesiana imposta pelo pensamento ocidental moderno, que não faz sentido para parte significava dos povos estudados.

O pensamento ocidental privilegia a visão (observação) e a razão como instrumentos de conhecimento objetivo, em detrimento dos outros sentidos e do restante do corpo. No taoísmo não há separação entre mente-corpo, natureza-cultura. A análise racional não é enfatizada; o ato de conhecer não é uma ação intelectual, depende da integração do sujeito ao objeto de conhecimento através do corpo, dos sentimentos e das sensações. Dessa maneira, conforme Bizerril, para conhecer o taoísmo faz-se necessária uma abordagem vivencial que propicie o contato do antropólogo com o grupo estudado através da

experiência subjetiva. Isso exigiria a criação de um método que ao mesmo tempo possibilite a atividade antropológica, porém sem sucumbir à sobrevalorização da observação e textualização, inerentes à cultura ocidental.

Partindo das idéias de Paul Stoller, o autor propõe uma antropologia exercida através do corpo, de uma abordagem sensorial completa, na prática e na escrita. Escolheu, então, o estilo narrativo, pela afinidade com o estilo taoísta que recusa as formas analíticas. Defende "*uma atitude de real credibilidade ao ponto de vista nativo"* (p. 21), reconhecendo nele *"o mesmo estatuto de verdade atribuído ao conhecimento racional ocidental"* (p.19). Portanto, as idéias e crenças taoístas seriam consideradas fenômenos reais, assim como o *Tao*.

Embora admita que não é possível abdicar do gênero do discurso na atividade antropológica, o autor expõe os limites da linguagem textual para compreensão e narrativa da tradição taoísta, pautada na transmissão oral e no treinamento corporal. Os fundamentos da tradição são encarnados na figura do mestre, cujo exemplo de sabedoria, longevidade e realização deve ser seguido. *"O mestre personifica a tradição como experiência coletiva"* (p.179). Essa tradição resguardada pela fronteira lingüística (Pai Lin não falava em português), é traduzida através dos discípulos de forma autorizada. Passa por atualizações, mas que ainda assim representam a continuidade do processo de transmissão do ensinamento vivo. Nesse caso, diz Bizerril, a textualização restringe a função do pesquisador a um tradutor de terceira ordem. Dessa forma, opta por um relato etnográfico de *"como os taoístas narram"* , um "*diálogo sobre diálogos*", já que *"as trajetórias narrativas da etnografia e da transmissão taoísta são quase irreconciliáveis"* (p. 203).

O autor almeja encontrar um novo jeito de fazer antropologia em que *"o reconhecimento e a gratidão às gerações de autores que assinalaram a trilha não se confundam com um culto aos ancestrais"* (p. 13). Assim, questiona a continuidade dos clássicos antropológicos, contrapõem-se ao estruturalismo, à teoria da *Eficácia Simbólica* de Levi-Strauss e ao *olhar distanciado* sugerido por Geertz, afirmando que o distanciamento do objeto é sempre uma postura que ratifica a idéia de superioridade das vias de conhecimento ocidentais. Apoiado na filosofia de Merleau-Ponty e de Dhilthey, e principalmente em autores que seguem a *Antropologia da Experiência* - como Vitor Turner, Paul Stoller e Michael Jackson, que

propõem abordagens fenomenológicas de práticas corporais - Bizerril prossegue, ao longo do livro, procurando um denominador comum entre taoísmo e antropologia, mas o que encontra são descontinuidades.

O primeiro capítulo, *Orientalizações*, é dedicado à discussão da precariedade das definições de *Ocidente* e *Oriente*, baseadas em perfis pré-concebidos e caricaturais, que não abarcam a heterogeneidade das culturas e que não bastam para a compreensão do caso brasileiro. O autor rejeita o termo *orientalismo* e a idéia de *orientalização do Ocidente*, essa última proposta por Colin Campbell, por ainda reafirmarem a visão dualista e racional ocidental que opõe Ocidente/Oriente. Propõe uma releitura do termo *orientalização*, assim denominando tanto o deslocamento de saberes e especialistas em tradições espirituais asiáticas para novas regiões geográficas - fator que teria propulsado um questionamento do pensamento racionalista ocidental, conforme o autor - quanto a re-interpretação dessas tradições nos contextos ocidentais. Ainda nesse capítulo, são abordados brevemente temas como a diversidade do campo religioso brasileiro e o desenvolvimento de novas formas de religiosidades individualizadas, de um estilo de espiritualidade mais compatível com o taoísmo. Porém, o autor prefere não se aprofundar na articulação das artes corporais e tradições orientais com os Novos Movimentos Religiosos, Movimento Nova Era e *milieu* holístico, por compreender que a linhagem Liu Pai Lin, embora dialogue com esses movimentos, não pode ser confundida com eles, constituindo-se como universo à parte, de transmissão de tradição viva e dinâmica. O argumento é que o taoísmo Pai Lin é essencialmente anti-utilitarista, e embora apropriado não se concilia com o espírito consumista que caracteriza esses movimentos.

Em seguida, na narrativa etnográfica propriamente dita, são apresentadas valiosas entrevistas com discípulos e alunos de Liu Pai Lin, interessantes informações sobre o processo de adesão ao taoísmo, as relações com o mestre, a constituição da linhagem e a manutenção dessa tradição taoísta no Brasil. O autor busca compreender como os corpos e o estilo de vida são reconfigurados no aprendizado do *Tai Ch'i Chuan* e do taoísmo, que requerem profunda disciplina e ao mesmo tempo entrega à espontaneidade natural. O corpo seria um elo na cadeia de transmissão da tradição, pois nele ficam inscritos os mesmos movimentos realizados pelos "*ancestrais de linhagem"* (p.162). O corpo taoísta, que inclui o

visível e o invisível, é, sobretudo, um projeto de vida. O treinamento corporal não visa apenas à longevidade e saúde, mas principalmente alcançar a integração com o *Tao*.

O desenvolvimento de uma estratégia corporificada de investigação antropológica - ou seja, a integração do próprio corpo e subjetividade do antropólogo na pesquisa - é o assunto abordado a partir do quarto capítulo. O autor argumenta que o *"retorno ao corpo , como lócus de conhecimento e instrumento de pesquisa de campo, implica uma recusa da metáfora do olhar clínico"* (p.135), que equivale à uma *"recusa da objetificação do outro e do corpo"* (p.135). Por fim, são retomadas as críticas aos textos clássicos *"consagrados"* pela antropologia e a proposta de performance fenomenológica como método que atualize a tradição antropológica.

A obsessão pela extinção do distanciamento acaba por revelar-se como a grande fragilidade de *"O retorno à raiz"*, cujo valor etnográfico é indiscutível. Sendo assim, algumas críticas e várias perguntas emergem da leitura dessa obra. Em primeiro lugar, o autor prefere desconsiderar a existência de outras possibilidades de fazer antropologia de forma não etnocêntrica, sem, contudo, necessitar da adesão total ao objeto estudado. Um antropólogo pode e deve ter um compromisso profundo com sua pesquisa, mas o respeito ético e o esforço para entender o objeto de dentro do seu mundo nunca o tornarão um igual, ainda que haja "conversão". Entre as funções da antropologia está a tradução de um conjunto simbólico para que possa ser compreendido em outros meios culturais, isso sempre incluirá uma reinterpretação do sujeito no *"tráfego entre dois mundos"*, como coloca o próprio Bizerril. É fato que o tradutor-pesquisador pertence ele próprio a um grupo com valores pré-estabelecidos, além disso, sua subjetividade estará implicitamente definindo uma perspectiva de observação e um recorte. Porém, o exercício antropológico requer justamente a observação e o trânsito - entrada e saída - ou seja, é necessário um distanciamento dos dois mundos: o de origem e o *outro*. Enquanto ciência, a Antropologia depende da existência de um *outro*, ainda que esse *outro* seja próximo. É mais difícil observar-se e traduzir-se a si próprio, por isso o distanciamento crítico é um axioma antropológico. Isso não impede o livre arbítrio do antropólogo para aderir pessoalmente a quaisquer convicções e crenças, que, no entanto, não devem interferir objetivamente na pesquisa. Evidentemente, isso não ocorre

sem custos emocionais para o pesquisador, mas, afinal, esses são os *"ossos do ofício do antropólogo"*.

Para usar uma metáfora cara ao autor - a analogia entre taoísmo e antropologia - poderíamos dizer que a total neutralidade científica é algo tão impossível de alcançar quanto é o *Tao*, porém, nem por isso deixa-se de praticar o *Tai Ch'i Chuan*. Do mesmo modo, é necessário continuar exercitando o distanciamento crítico, ainda que algo de subjetivo do antropólogo sempre esteja presente na pesquisa. À semelhança do taoísmo, a antropologia possui regras específicas; ambos podem ser considerados jogos simbólicos. Então cabem algumas perguntas: ao mudarmos drasticamente as regras de um jogo, não estaríamos criando um jogo inédito? O que aconteceria se introduzíssemos o elemento racional e analítico no taoísmo? Ainda seria taoísmo? Assim também, se introduzíssemos o elemento irracional na antropologia, ainda seria antropologia?

Em segundo lugar, a exposição do novo método não é suficientemente clara. Embora o autor afirme não ser essa a intenção, sua proposta de integração entre sujeito e objeto (*antropologia da experiência)* soa como inversão de valores, como substituição do racionalismo intelectual pelo irracionalismo afetivo-corporal-religioso. Enquanto a tradição antropológica é questionada em suas bases estruturais, para evitar um *"culto aos ancestrais"*, a tradição taoísta, especialmente a figura do mestre, segue mitificada e inquestionável, protegida pela noção de inseparabilidade entre sujeito e objeto. Possíveis conflitos são muito pouco explorados, bem como a reinterpretação do taoísmo no cenário brasileiro das religiosidades contemporâneas. A justificativa para uma opção pessoal perante as instâncias científicas, através do viés fenomenológico, perpassa a obra, isentando o autor de maiores confrontos.

A opção pela fenomenologia é legítima, mas no estudo de religiões passa a ser problemática caso o engajamento do pesquisador acabe por implicar em tentativa de hibridismo entre ciência e crenças religiosas. Se poderíamos dizer que a arte presente na antropologia é aquela de aproximar o distante e distanciar-se do próximo, como ensinam os velhos mestres, no que se refere ao estudo das próprias crenças religiosas é imperativo um afastamento crítico por parte do pesquisador para que as duas coisas não se confundam. Da

mesma forma que *yin* e *yang* são polaridades opostas que preservam a harmonia do universo taoísta, no Ocidente ciência e religião são áreas distintas, uma funciona como baliza e limite para a outra, e é desejável que assim seja, para a manutenção do equilíbrio entre poderosas forças da humanidade.

De todo modo, os comentários acima não invalidam a leitura da obra, que tem o mérito de ser pioneira no estudo do taoísmo no Brasil, no âmbito acadêmico. Além disso, traz à tona temas importantes e questionamentos que abrem espaço para um saudável e bem-vindo debate sobre a própria tradição científica. Inestimável registro histórico da linhagem Liu Pai Lin, *"O retorno à Raiz"* é um livro recomendado, sobretudo, para interessados em *antropologia da experiência* e estudantes de taoísmo e *Tai Ch'i Chuan*.